



KRAJČBERG



...1 *Frans K.:* Eu sou também sensível ao choque causado pelos contrastes da natureza e a grandeza destas paisagens. Porém, o que mais me choca, acima de tudo, é esta natureza como um ambiente global, que inclui as árvores e os homens, as plantas e os animais, a água e o céu. A nossa visão anêmica da civilização urbana é tão débil em comparação ao dado objetivo do Rio Negro. A Natureza aqui é geradora dum espaço-tempo global e autônomo: o homem e o animal são totalmente integrados no contexto natural. O índio e o caboclo vivem como plantas. A civilização urbana criou um espaço-tempo mecânico, industrial, intersideral, em cujo centro está colocado o homem. A natureza da Amazônia coloca a minha sensibilidade de homem moderno em questão. Ela coloca também em questão a escala de valores estéticos ou artísticos tradicionalmente reconhecidos. O caos artístico atual representa a conclusão lógica da evolução urbana. Aqui nós estamos colocados em confronto a um mundo de formas e vibrações, a um mistério de mudança contínua. Precisamos saber tirar partido dele. Se o Mondrian passou da árvore ao quadrado, ele apenas soube aproveitar uma das infinitas possibilidades da árvore. E então, vamos rebentar o quadrado para reencontrar a árvore.

...2 *Frans K.:* A história da arte criou até hoje um repertório de formas limitadas. Sem voltar muito longe, pensemos nas formas do impressionismo, do expressionismo, do cubismo, do esquematismo abstrato. A Natureza integral é um virtual reservatório de novas formas. A arquitetura moderna está cada vez mais se afastando do homem. A sociedade aniquilia o indivíduo. A Natureza integral poderá dar um novo significado aos valores individuais de sensibilidade e de criatividade.

Colóquio entre Sepp Baendereck, Frans Krajcberg e Pierre Restany, no Rio Negro, 8 de agosto 1978.



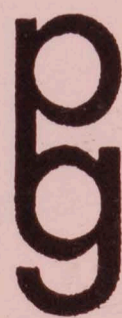


petite galerie

Inauguração: 4 de junho às 21 horas

Exposição: de 4 a 15 de junho de 1979

instituto de arte contemporânea



petite galerie

Rua Barão da Torre, 220 — Rio de Janeiro

MANIFESTO DO RIO NEGRO

Agosto de 1978

DO NATURALISMO INTEGRAL

O Amazonas constitui-se hoje em dia, sobre o nosso planeta, num "último reservatório", refúgio da natureza integral.

Que tipo de arte, que tipo de linguagem pode suscitar uma tal ambiência — excepcional sob todos os pontos de vista, exorbitante em relação ao senso comum?

Um naturalismo do tipo essencialista e fundamental, que se oponha ao realismo e à própria continuidade da tradição realista, bem como ao espírito realista e a toda a sua sucessão de formas e estilos.

Em toda a história da arte, o espírito do realismo não é o espírito do puro constatado, o testemunho da disponibilidade afetiva; o espírito do realismo é, isto sim, a metáfora.

O realismo é, na verdade, a metáfora do poder. Poder religioso, poder do dinheiro na época do Renascimento, poder político em seguida, realismo burguês, realismo socialista, poder da sociedade de consumo com a pop-art.

O naturalismo não é metafórico.

Não traduz nenhuma vontade de poder, mas sim um outro estado de sensibilidade, uma maior abertura de consciência.

A tendência à objetividade do "constatado" traduz uma disciplina da percepção, uma plena disponibilidade para a mensagem direta e espontânea dos dados imediatos da consciência.

Como no jornalismo, mas sendo este transferido ao domínio da sensibilidade pura: "o naturalismo é a informação sensível sobre a natureza."

Praticar esta disponibilidade frente ao "natural concedido" é admitir a modéstia da percepção humana, e suas próprias limitações, em relação a um todo que é um fim em si.

Essa disciplina na conscientização de seus próprios limites é a qualidade primeira do bom repórter: é assim que ele pode transmitir aquilo que vê — "desnaturando" o menos possível os fatos.

O naturalismo assim concebido implica não somente na maior disciplina da percepção, mas também na maior abertura humana.

No final das contas, a natureza é, e ela nos ultrapassa dentro da percepção de sua própria duração. Porém, no espaço-tempo da vida de um homem, a natureza é a medida de sua consciência e de sua sensibilidade.

O naturalismo integral é alérgico a todo tipo de poder ou de metáfora do poder.

O único poder que ele reconhece é o poder purificador e catártico, da imaginação a serviço da sensibilidade; e jamais o poder abusivo da sociedade.

Esse naturalismo é de ordem individual.

A opção naturalista oposta à opção realista é fruto de uma escolha que engaja a totalidade da consciência individual.

Essa opção não é somente crítica, não se limita a exprimir o medo do homem frente ao perigo que a natureza enfrenta pelo excesso de civilização industrial e urbana. Ela traduz o advento de um estado global da percepção, a passagem individual para a consciência planetária.

Nós vivemos uma época de balanço dobrado.

Ao final do século se junta o final do milênio, com todas as transferências de tabus e da paranóia coletiva que essa recorrência temporal implica — a começar pela transferência do medo do ano 1000 para o ano 2000, o átomo no lugar da peste.

Nós vivemos, assim, uma época de balanço.

Balanço do nosso passado aberto para o futuro.

Nosso Primeiro Milênio deve anunciar o Segundo.

Nossa civilização judeu/cristã deve preparar sua Segunda Renascença.

A volta ao idealismo em pleno século XX supermaterialista, a volta do interesse pela história das religiões e a tradição do ocultismo, a procura cada vez maior por novas iconografias simbolistas: todos esses sintomas são consequência de um processo de desmaterialização do objeto, iniciado em 1966, e que é o fenômeno maior da história da arte contemporânea no Ocidente.

Após séculos de “tirania do objeto” e seu clímax na apoteose da aventura do objeto como linguagem sintética da sociedade de consumo — a arte duvida de sua justificação material, ela se desmaterializa, se conceitua.

Os passos conceituais da arte contemporânea só têm sentido se examinados através dessa ótica autocrítica.

A arte é ela mesma colocada em posição crítica.

Ela se interroga sobre sua imanência, sua necessidade, sua função.

O naturalismo integral é uma resposta.

E justamente por sua virtude de integracionismo, de generalização e extremismo da estrutura da percepção, isto é, de planetarização da consciência, hoje ele se apresenta como uma opção aberta — um fio de direção dentro do caos da arte atual.

Autocrítica, desmaterialização, tentação idealista, percursos subterrâneos simbolistas e ocultistas: essa aparente confusão será talvez um dia ordenada, a partir da noção do naturalismo — expressão da consciência planetária.

Essa reestruturação perceptiva corresponde a uma verdadeira mutação e a desmaterialização do objeto de arte, sua interpretação idealista, a volta ao sentido oculto das coisas e sua simbologia constituem um conjunto de fenômenos que se inscrevem como um preâmbulo operacional à nossa Segunda Renascença — etapa necessária para uma mutação antropológica final.

Hoje, vivemos dois sentidos da natureza: aquele ancestral, do “concedido” planetário, e aquele moderno, do “adquirido” industrial e urbano.

Pode-se optar por um ou por outro, negar um em proveito do outro; o importante é que esses dois sentidos da natureza sejam vividos e assumidos na integridade de sua estrutura antropológica, dentro da perspectiva de uma universalização da consciência perceptiva — o Eu abraçando o mundo, fazendo dele um uno, dentro de um acordo e uma harmonia da emoção assumida como a única realidade da linguagem humana.

O naturalismo como disciplina do pensamento e da consciência perceptiva é um programa ambicioso e exigente, que ultrapassa de longe as balcuciantes perspectivas ecológicas de hoje.

Trata-se de lutar muito mais contra a poluição subjetiva do que contra a poluição objetiva — a poluição dos sentidos e do cérebro contra aquela do ar e da água.

Um contexto tão excepcional como o do Amazonas suscita a idéia de um retorno à natureza original. A natureza original deve ser exaltada como uma higiene da percepção, e um oxigênio mental: um naturalismo integral, gigantesco catalizador e acelerador das nossas faculdades de sentir, pensar e agir.

Pierre Restany — Alto Rio Negro — quinta-feira, 3 de agosto de 1978
Na presença de **Sepp Baendereck** e de **Frans Krajcberg**

EXPOSIÇÃO KRAJCBERG · PETITE GALERIE · RIO DE JANEIRO